
Faça um resumo, de até 10 linhas, do texto abaixo.

Compro, logo existo

Templo de culto à mercadoria, o modelo do *shopping center*, como o conhecemos hoje, nasceu nos Estados Unidos na década de 1950. São espaços privados, objetivamente planejados para a supremacia da ação de comprar. O que se compra nesses centros, contudo, é muito mais do que mercadoria, serviços, alimentação e lazer. Compra-se distinção social, sensação de segurança e ilusão de felicidade e liberdade.

O *shopping center* é um centro de comércio que se completa com alimentação (normalmente do tipo *fast food*), serviços (bancos, cabeleireiros, correios, academias de ginástica, consultórios médicos, escolas) e lazer (jogos eletrônicos, cinema, Internet). Ali o consumidor de mercadorias se mistura com o consumidor de serviços e de diversão, sentindo-se protegido e moderno. Fugindo de aspectos negativos dos centros das cidades e da busca conjunta de soluções para eles, os *shopping centers* vendem a imagem de serem locais com uma melhor “qualidade de vida” por possuírem ruas cobertas, iluminadas, limpas e seguras: praças, fontes, boulevares recriados; cinemas e atrações prontas e relativamente fáceis de serem adquiridas – ao menos para os que podem pagar. É como se o “mundo de fora”, a vida real, não lhes dissesse respeito...

O que essa catedral das mercadorias pretende é criar um espaço urbano ideal, concentrando várias opções de consumo e consagrando-se como “ponto de encontro” para uma população seleta de seres “semiformados”, incompletos, que aceitam fenômenos historicamente construídos como se fizessem parte do curso da natureza. O imaginário que se impõe é o da plenitude da vida pelo consumo. Nesses espaços, podemos ocupar-nos apenas dos nossos desejos – aguçados com as inúmeras possibilidades disponíveis de aquisição. Prevalece a ideia do “compro, logo existo”.

Concluimos que esse mundo de sonhos que é o *shopping center* acaba reforçando nas pessoas uma visão individualista da vida, onde os valores propagados são todos relacionados às necessidades e aos desejos individuais – “eu quero, eu posso, eu compro”. Assim, colabora para uma deterioração do ser social e o retardamento do projeto de emancipação de seres mais conscientes, autônomos, prontos para a sociabilidade coletiva – que exige a capacidade da troca desinteressada, da tolerância, da relação verdadeiramente humana entre o eu e o outro, entre iguais e entre diferentes. Compreendemos que um ser social emancipado identifica as necessidades individuais com as da coletividade, sem colocá-las em campos opostos.

O *shopping center* híbrido representa hoje o principal lugar da “sociedade de consumo”, contribuindo para a sacralização do modo de vida consumista e alienado, um modo de vida em que há uma evidente predominância de símbolos como *status*, poder, distinção, jovialidade, virilidade etc. sobre a utilidade das mercadorias. O que se pode concluir é que o sucesso da fórmula atual do *shopping center* híbrido como lugar privilegiado para a realização da lógica consumista traz consigo o fracasso da plenitude do ser social, distanciando-o de qualquer projeto de emancipação e de humanização do ser humano. Como diz o poeta Carlos Drummond de Andrade [1902-1987] no poema *Eu, etiqueta*: “Já não me convém o título de homem./ Meu nome novo é coisa./ Eu sou a coisa, coisamente.”

(Adaptado de PADILHA, Valquíria. *A sociologia vai ao shopping center*.
Ciência Hoje, maio 2007, pp. 30-5.)

Nessa questão, o candidato deve proceder a uma leitura adequada do texto-base (artigo de opinião) para poder elencar as afirmações mais significativas nele contidas e criar um texto autônomo, que não seja apenas cópia de trechos do texto a ser resumido e que se mantenha fiel às afirmações da autora.

Compreender o propósito comunicativo de determinado gênero é crucial para a produção de um resumo adequado. Nesse caso, para elaborar adequadamente um resumo, o candidato deve conhecer o gênero artigo de opinião, cujo objetivo é sustentar um ponto de vista (tese), através da apresentação de argumentos e, eventualmente, contra-argumentos seguidos de sua refutação.

A tese defendida no texto e que, obrigatoriamente, deve aparecer nas produções escritas a serem avaliadas, é a de que “o shopping center híbrido [promove] o fracasso da plenitude do ser social, distanciando-o de qualquer projeto de emancipação e de humanização do ser humano”. A partir disso, alguns dos argumentos que sustentam essa tese deveriam, também, estar expressos nas respostas, tais como: *os shoppings são espaços privados, planejados para a ação de comprar; neles compra-se distinção social, sensação de segurança e ilusão de felicidade e liberdade; os shopping centers vendem a imagem de serem locais com uma melhor “qualidade de vida”; são um “ponto de encontro” para uma população seleta de seres “semiformados”; no shopping, o imaginário que se impõe é o da plenitude da vida pelo consumo; neles prevalece a ideia do “compro, logo existo”; os shoppings reforçam uma visão individualista da vida; o shopping colabora para uma deterioração do ser social e o retardamento do projeto de emancipação de seres mais conscientes, autônomos, prontos para a sociabilidade coletiva etc.* É bom observar que a autora, tendo em vista reforçar sua tese, faz uso de expressões que repetem a mesma ideia, ou seja, há muitas informações que o leitor deve selecionar e articular de modo a usar apenas as 10 linhas disponíveis para o resumo.

Ainda, em seu texto, o aluno poderia explorar o recurso da intertextualidade presente no texto original: “Compro, logo existo”, fazendo relação com “Penso, logo existo” de Descartes e “Eu, etiqueta”, poema de Carlos Drummond de Andrade.

Os três textos a seguir exemplificam as respostas construídas pelos candidatos:

Texto 7

O shopping center, originalmente criado nos EUA, na década de 1950, assumiu características peculiares. Mais do que locais meramente destinados ao consumo, os shopping centers passaram, segundo Valquíria Padilha a oferecer também sensações de segurança e conforto. Dotados de imponentes estruturas e grande variedade de serviços, o shopping apresenta-se, hoje, como um lugar livre das mazelas do mundo real. Porém, baseando-se na utopia de ser um lugar perfeito e incentivando o desejo de compra dos consumidores, o shopping acaba por reforçar, na sociedade, uma visão mais egocêntrica da vida, voltada para as satisfações pessoais. Com isso, enfraquece-se o ser social, e deixa de vigorar, entre nós, uma postura mais humana, que aspire fundamentalmente ao bem-estar coletivo. Em paródia aos célebres versos de Carlos Drummond de Andrade, pode-se dizer que o consumo exacerbado, juntamente com a alienação provocada pelos shopping centers, tem cada vez mais "coisificado" o ser humano.

O shopping center, originalmente criado nos EUA, na década de 1950, assumiu características peculiares. Mais do que locais meramente destinados ao consumo, os shopping centers passaram, segundo Valquíria Padilha a oferecer também sensações de segurança e conforto. Dotados de imponentes estruturas e grande variedade de serviços, o shopping apresenta-se, hoje, como um lugar livre das mazelas do mundo real.

Porém, baseando-se na utopia de ser um lugar perfeito e incentivando o desejo de compra dos consumidores, o shopping acaba por reforçar, na sociedade, uma visão mais egocêntrica da vida, voltada para as satisfações pessoais. Com isso, enfraquece-se o ser social, e deixa de vigorar, entre nós, uma postura mais humana, que aspire fundamentalmente ao bem-estar coletivo. Em paródia aos célebres versos de Carlos Drummond de Andrade, pode-se dizer que o consumo exacerbado, juntamente com a alienação provocada pelos shopping centers, tem cada vez mais "coisificado" o ser humano.

Nesse texto, temos uma resposta satisfatória à questão. Por meio de seu texto, o produtor revela conhecer as características do gênero artigo de opinião, como também conhece e sabe produzir o gênero resumo. Seu autor, por meio de uma leitura competente, e com suas próprias palavras, identifica a tese do texto-base ("o shopping acaba por reforçar, na sociedade, uma visão mais egocêntrica da vida, voltada para as satisfações pessoais. Com isso, enfraquece-se o ser social, e deixa de vigorar, entre nós, uma postura mais humana, que aspire fundamentalmente ao bem-estar coletivo."), articula argumentos que sustentam a tese ("Dotados de imponentes estruturas e grande variedade de serviços, o shopping apresenta-se, hoje, como um lugar livre das mazelas do mundo real"; "baseando-se na utopia de um lugar perfeito e incentivando o desejo de compra dos consumidores"; etc.) e, fazendo uso de seu conhecimento de mundo, explora a intertextualidade com o texto de Drummond, indicando que conhece ainda outro gênero, a paródia.

O texto apresenta-se bem estruturado na exposição das afirmações, percebe-se isso pelo uso adequado de operadores argumentativos de oposição (porém) e de conclusão (com isso), típicos de um texto dissertativo, característica desse tipo de resumo. O produtor tem o controle das “vozes” em seu texto, pois diferencia a sua voz da voz da autora Valquíria Padilha, o que resulta em um texto autônomo e fiel às afirmações feitas no texto original.

Texto 8

O shopping center tem se tornado uma casa de aparências, um lugar paralelo à Terra, onde o mundo consumista é o lugar da felicidade e da liberdade.
 Esses centros de lazer têm vida por si só, e são capazes de fazer as pessoas pensarem que só são cidadãos se comprarem.
 O shopping hoje em dia, é o principal símbolo da sociedade consumista e capitalista em que vivemos, cujo querer é poder e ter.

O shopping center tem se tornado uma casa de aparências, um lugar paralelo à Terra, onde o mundo consumista é o lugar da felicidade e da liberdade.

Esses centros de lazer têm vida por si só, e são capazes de fazer as pessoas pensarem que só são cidadãos se comprarem.

O shopping hoje em dia, é o principal símbolo da sociedade consumista e capitalista em que vivemos, cujo querer é poder e ter.

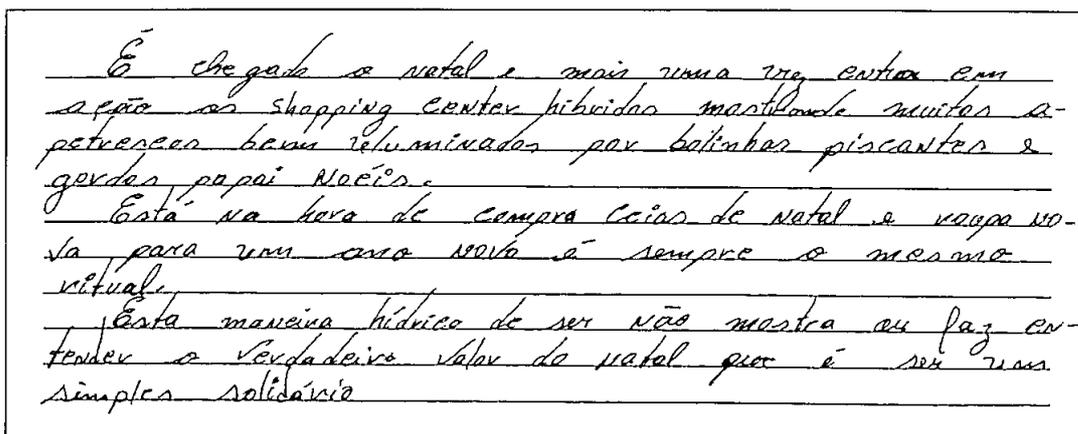
Esse texto revela problemas de leitura e, conseqüentemente, de compreensão do texto-base. Seu produtor não se mantém fiel às afirmações feitas no texto original, pelo contrário, deturpa algumas delas, como podemos observar no seguinte trecho: “são capazes de fazer as pessoas pensarem que só são cidadãos se comprarem”. O texto original permite inferir que, com atitudes consumistas e alienadas, não se forma um ser social, um cidadão, ou, em outras palavras, que as pessoas voltadas para o consumismo não se preocupam em ser ou não ser um cidadão. No entanto, o texto não sustenta a interpretação de que as pessoas pensam que só são cidadãos se comprarem.

Além disso, um ponto vital não foi abordado no texto-resposta: a sua tese central (“o sucesso da fórmula atual do shopping center híbrido como lugar privilegiado para a realização da lógica consumista traz consigo o fracasso da plenitude do ser social, distanciando-o de qualquer projeto de emancipação e de humani-

zação do ser humano”). A explicitação da tese do texto-base constitui-se como fundamental na produção do resumo. O que se vê nesse texto é uma sequência de três parágrafos praticamente independentes entre si (o uso de elementos coesivos que amarrem as afirmações expressas deixa a desejar), que trazem expressões que apenas tangenciam o texto original (“mundo consumista”, “lugar da felicidade e da liberdade”, “símbolo da sociedade consumista”). Por fim, o resumo termina com uma afirmação mais do que batida, o lugar-comum *querer é poder e ter*.

Também se observa que o produtor do texto-resposta não faz distinção entre a sua voz e a da autora do texto original, ou seja, não faz referência a Valquíria Padilha, o que poderia nos fazer identificar o texto-resposta como uma redação escolar, uma dissertação em que as afirmações são representativas da voz do aluno-produtor.

Texto 9



É chegado o natal e mais uma vez entra em ação os shopping center híbridos mostrando muitos apetrechos bem iluminados por bolinhas piscantes e gordos papai Noéis.
 Está na hora de compra coisas de natal e roupa nova para um ano novo é sempre o mesmo ritual.
 Esta maneira híbrido de ser não mostra ou faz entender o verdadeiro valor do natal que é ser um simples solidário.

É chegado o natal e mais uma vez entra em ação os shopping center híbridos mostrando muitos apetrechos bem iluminados por bolinhas piscantes e gordos papai Noéis.

Está na hora de compra coisas de natal e roupa nova para um ano novo é sempre o mesmo ritual.

Esta maneira híbrido de ser não mostra ou faz entender o verdadeiro valor do natal que é ser um simples solidário.

O texto-resposta acima reflete o fato de seu produtor não saber produzir o gênero resumo. Percebe-se que o produtor não foi “instrumentalizado” pela escola no que diz respeito a esse gênero,⁹ pois, por meio de associações motivadas pelas afirmações do texto-base, escolhe um tema e discorre sobre ele. Ou seja, o candidato não reconhece as características do gênero artigo de opinião, não interpreta

o enunciado da questão como indicação do gênero de texto que deve produzir e, é possível também inferir, não conhece e, conseqüentemente, não sabe produzir o gênero resumo.

O texto produzido caracteriza-se como a conhecida redação escolar, do tipo dissertativo, que comumente é trabalhada na escola. O candidato tomou ideias do texto-base (consumo e shopping, provavelmente), associou-as com a época em que a prova foi realizada (começo de dezembro) e discorreu sobre o Natal, período em que os shoppings se mostram enfeitados e as pessoas se preocupam em comprar roupas novas para comemorar o período natalino. Na conclusão do texto, seu produtor remete, de maneira muitíssimo vaga, a uma ideia do texto-base: “Esta maneira hídrico de ser não mostra ou faz entender o verdadeiro valor do natal que é ser um simples solidário”. Nessa tentativa de incorporar afirmações do texto-base, o uso totalmente inadequado da palavra “hídrico”, em vez de “híbrido” é revelador da pouca familiaridade do candidato com o vocabulário do artigo de Padilha. Outras características do texto do candidato, como a grafia e algumas concordâncias, mostram um domínio precário das normas da escrita.

Os problemas encontrados nesse texto permitem concluir que, em seu processo de letramento, o produtor do texto sofreu alguns reveses, pois um aluno egresso do ensino médio, a princípio, deveria apresentar um conhecimento mínimo do gênero resumo e um domínio maior dos aspectos linguísticos pertinentes a um texto escrito.

Trabalhar com gêneros textuais consiste em uma opção didática extremamente relevante, se temos como propósito levar os alunos a produzirem e analisarem eventos linguísticos variados, atividades que instruem e propiciam a produção textual. Marcuschi (2005) sugere como seria produtivo pôr na mão dos alunos um jornal diário ou uma revista semanal com o intuito de fazê-los identificar os gêneros textuais contidos nos dois suportes e pedir que elenquem as características desses gêneros: conteúdo, composição, estilo, intenções, aspectos linguísticos.

É importante ressaltar que, no trabalho em sala de aula, não se deve pretender ensinar ou descrever todos os gêneros existentes. Isso seria impossível. O objetivo é, por meio de alguns gêneros, instrumentalizar o aluno para o reconhecimento e produção de outros e, para isso, não há modelos a serem seguidos. Para que se atinja esse ideal, para além de trabalhar a norma padrão/culta como necessária à leitura, interpretação e produção de texto de diferentes gêneros textuais, é preciso que a escola, como lugar de comunicação e interação, priorize a natureza socio-interativa da linguagem.

O veto ao celular na escola

Rosely Sayão

Um projeto de lei que proíbe o uso de telefones celulares nas salas de aula de todas as escolas do estado de São Paulo foi aprovado no último dia 28 pela Assembleia Legislativa. Agora, depende apenas da sanção do governador para ser aplicado: 90 dias após sua publicação, passa a valer como lei.

Já sabemos que até crianças bem pequenas portam seus celulares com naturalidade e os levam para todos os locais. Também sabemos que escola não é lugar para celular, já que alunos e professores estão lá para um trabalho de foco, que exige concentração e superação. Além disso, se algum aluno precisar fazer ou receber um telefonema urgente, pode usar o telefone da escola.

O problema é que os pais decidiram que os filhos têm de estar com o telefone sempre. É que eles, a qualquer hora, podem querer falar com o filho e vice-versa. Assuntos inadiáveis? Não pode ser, já que todo dia eles se falam várias vezes.

Pelo jeito, os pais abdicaram da possibilidade de tomar uma decisão responsável a esse respeito. Sucumbiram, impensadamente, à pressão do mercado – que exige que os telefones sejam consumidos por todos – e dão os aparelhos aos filhos. Ensinam seu uso, apontam locais onde não é adequado portá-los ou situações próprias ou impróprias que motivam as chamadas? São poucos os que fazem esse trabalho educativo.

Creio que agem assim porque ganham um benefício secundário: estão sempre ligados aos filhos e fazem com que estes permaneçam na mesma situação. O celular que liga os pais a seus filhos já foi comparado ao cordão umbilical. Não é uma analogia bem apropriada?

Por outro lado, as escolas logo constataram que os trabalhos escolares, que exigem foco, dedicação e concentração, ficavam prejudicados com a presença do celular. Por isso, muitas já vetaram seu uso e até aplicam sanções aos alunos que não obedecem a essa determinação. Mas tem sido difícil contornar a situação, porque os professores também usam o celular na escola, e isso, claro, leva os alunos a fazerem o mesmo.

Por isso, parece que o projeto de lei mencionado vem em boa hora e que pais e professores devem aceitá-lo de bom grado. Mas devo alertar que tal lei, caso sancionada, é bem perigosa.

Acima de tudo, porque coloca o Estado no lugar de pai. Os educadores precisam usar a autoridade na relação com os mais novos. Quando os pais precisam tomar uma atitude que desagrade aos filhos, preferem que seja outro – a escola, o Estado – a fazê-lo.

Mas, quando o Estado passa a legislar sobre a vida dos cidadãos, nunca se sabe quando e onde irá parar. Além disso, sabemos que regras evocam transgressões. Por isso, em educação é muito mais valoroso trabalhar com princípios do que com regras.

No mundo adulto, os princípios parecem ter perdido o valor: nós também queremos regras para transgredi-las com a mesma atitude da juventude. Afinal, num mundo que valoriza a juventude, somos todos jovens. Mas e os mais novos, por quem serão introduzidos na convivência civilizada com o outro e com a humanidade?

(Folha de S.Paulo, 6 set. 2007, Caderno Equilíbrio, p. 12.)

Tomando como ponto de partida o artigo de Rosely Sayão, escreva uma carta ao jornal Folha de S.Paulo, para ser publicada no painel do leitor. Seu texto deverá:

- ser autônomo: imagine que você será lido por pessoas que não tiveram acesso ao texto de Rosely Sayão. Portanto, não pressuponha esse conhecimento dos leitores;
- tomar um posicionamento da autora e apresentá-lo ao leitor;
- ter, no máximo, 15 linhas.

ATENÇÃO: Sua carta não poderá ser assinada. Qualquer sinal de identificação invalida sua prova.

Começando pela análise da proposta, chama-se a atenção para o comando da questão (situado bem abaixo). Há aqui uma enumeração de passos que devem ser seguidos. O primeiro deles: “Seu texto deverá: – ser autônomo: imagine que você será lido por pessoas que não tiveram acesso ao texto de Rosely Sayão. Portanto não suponha esse conhecimento dos leitores.”

Chega-se aqui a um ponto interessante no estudo do dialogismo: a autonomia dos textos. Mas o que é a autonomia de um texto? Como tornar determinado texto autônomo? O que se deve mostrar ao aluno e que preocupação se deve ter quando se fala em diálogo entre textos? A autonomia é um dos aspectos que deve ser dominado pelos alunos para que suas produções sejam adequadas, e para que seus textos alcancem o sentido pretendido. Conforme a própria sugestão da prova, o autor deve escrever imaginando que o leitor desconhece o texto-base, ou seja, deve partir do pressuposto de que seu leitor não teve acesso aos textos com os quais ele está dialogando. Portanto, o autor deve sempre dar tais informações aos leitores.

Neste texto, intitulado “O veto ao celular na escola”, vê-se que a autora Rosely Sayão apresenta diferentes vozes para construir seu artigo e firmar sua posição sobre o assunto. Na verdade, ela dialoga com ideias anteriores e subjacentes que condicionam a escrita de seu artigo. Vamos tentar destacar tais vozes.

No primeiro parágrafo, ela garante a autonomia do seu texto de que forma? Expondo o texto que deu origem ao seu artigo. A autora cita aqui um fato da realidade que motiva sua reflexão argumentativa sobre o uso dos celulares nas escolas: “Um projeto de lei que proíbe o uso de telefones celulares nas salas de aula de todas as escolas do estado de São Paulo foi aprovado no último dia 28 pela Assembleia Legislativa.” Nesta passagem, Sayão traz a voz da lei, para dar autoridade/veracidade a sua escrita e justificar a construção de seu artigo. Ela não inicia seu texto simplesmente pensando somente na temática do uso de celulares na escola. Há uma motivação para tal: um fato real; há um diálogo com uma situação anterior e essa situação é apresentada aos seus leitores: a existência da lei do veto do celular. É exatamente disso que os alunos precisam começar a se dar conta: apresentar aos seus leitores os textos com os quais está dialogando, a ideia que deu origem a sua escrita.

Um texto não existe nem pode ser avaliado e/ou compreendido isoladamente: ele está sempre em diálogos com outros textos. E é este o tipo de diálogo que aqui é referido, diálogos entre ideias. De um texto fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que ele retoma, a que alude ou aos quais se opõe. O dialogismo trata da presença do outro naquilo que é dito (escrito). No caso de propostas como a apresentada, todos os textos

construídos são respostas a um texto-base, ou seja, todos os textos ou completam, ou transformam, ou dizem algo a respeito do texto apresentado na tarefa. E isso se estende também às nossas atividades simples do dia a dia.

Retornando à análise, pode-se perceber que há inúmeras vozes firmadas por Sayão, que constroem sua argumentação. Já foi apresentada, aqui, a voz da lei. Uma segunda voz que é importante a fim de destaque são as vozes do senso comum, que, obviamente, ganham marcas de generalização, pois são ideias de que todos compartilham. São formas empregadas para introduzir no texto a voz do senso comum o uso da primeira pessoa do plural, de expressões e pronomes genéricos do tipo “as pessoas”, “todos sabem que...” etc. Observemos no texto de Sayão as expressões que trazem a voz do senso comum:

- “*Já sabemos que* até crianças bem pequenas portam seus celulares com naturalidade...” (2º parágrafo)
- “*Também sabemos que* escola não é lugar para celular” (2º parágrafo)
- “*Sabemos que* regras evocam transgressões” (9º parágrafo)

Tais marcas representam aquele conhecimento que é partilhado por todos, que é tido como moralmente óbvio. A autora faz uso desse conhecimento comum a fim de aproximar-se daquilo que todos conhecem. Assim, ela chama o leitor a pensar da mesma forma que ela e a se aproximar das ideias que quer defender.

Outra voz selecionada é a da própria autora do texto, Rosely Sayão. Obviamente, é aqui que ela explicita uma tomada de posição, a tese propriamente dita que ganha argumentação. Observe que, neste momento, aparecem as expressões na primeira pessoa do singular (não é mais senso comum), bem como expressões que marcam o juízo de valor (“problema”, “bem apropriada”):

- “*O problema é que...*”
- “*Creio que* agem assim porque ganham um benefício secundário...”
- “*O celular que* liga os pais aos filhos já foi comparado ao cordão umbilical. *Não é uma analogia bem apropriada?*”

Seja através das escolhas lexicais, do uso em primeira pessoa explicitamente ou mesmo de uma pergunta retórica, são essas as formas que a autora utiliza para manifestar sua opinião.

Por fim, destaca-se a voz dos pais, que, na base da controvérsia retórica, constitui originalmente o dialogismo, configura-se aqui como a voz contrária que a tese quer derrubar. Observemos que essa voz não atua em primeira pessoa – nem o eu nem o nós. É de fato uma terceira pessoa que não compartilha do mesmo posicionamento dela:

- “... *os pais* decidiram que os filhos têm de estar com o celular sempre”.
- “... *os pais* abdicaram da possibilidade de tomar uma decisão responsável a este respeito”.

A voz dos pais aparece para um fim específico: ser contestada. Observa-se que a tese da autora é de que é mais fácil lidar com princípios do que com regras, ela considera que os pais e a escola devem educar, e ela traz a voz dos pais, ou seja, o que ela considera a voz dos pais, justamente para criticar a atitude deles.

Ela traz ainda a voz da escola, do Estado e outras vozes subjacentes (como a do mercado, a dos professores) e todas juntas constroem sua argumentação. Foram destacadas aqui apenas algumas dessas vozes contidas no texto: especialmente aquelas que são pertinentes à composição argumentativa.

É interessante notar que a autora consegue demarcar explicitamente cada uma das vozes que ela insere em seu texto, deixando clara também a sua própria voz. Possenti chama esse controle de vozes dentro do texto de indícios de autoria: “Afirmo anteriormente que um dos indícios de autoria é dar voz aos outros. Mas também disse que um texto bom é uma questão de *como*... Podemos juntar as duas coisas: pode ser uma questão de *como* dar voz aos outros” (2002: 120). Rosely Sayão controla as vozes do seu texto na base dos componentes argumentativos: a voz da lei é o fato sobre o qual ela vai opinar; a voz do senso comum é uma voz que ela chama para sustentar a tese; a voz dela traz o posicionamento, a tese; a voz dos pais é a contrária à sua, construindo a controvérsia.

Com a leitura do texto da proposta, foi possível notar, principalmente, que um texto não é solitário, ou seja, ele é construído sempre a partir de outras ideias, vivências e dizeres. Partindo, agora, para algumas produções textuais baseadas na proposta exposta, fazemos a leitura de um primeiro texto. Nesta etapa do trabalho apenas os elementos dialógicos são observados.

Texto 1

Parabenizo a Sr. Rosely Sayão, pela matéria publicada, na Folha de S. Paulo, sobre "O veto ao celular na escola". É lamentável que o Estado tenha que redigir o papel dos pais, e por meio de uma lei, obrigar a adequada utilização do celular. Essa medida seria desnecessária se esses instruissem seus filhos adequadamente sobre o assunto. As discussões sobre o uso de celulares em sala de aula não é novidade, assim como os seus malefícios, o que não dá para compreender é que apesar disso, muitos pais continuam alienados, e acreditam que seus filhos precisam estar constantemente em contato com eles, pelo celular.

A sr. Sayão posicionou-se bem ao indagar sobre quem introduzirá as crianças à convivência civilizada com outra e até onde iremos parar, se o Estado tiver que legislar sobre nossas condutas. O mais certo seria se nós parássemos para refletir sobre elas e os reflexos que trazem à sociedade.

Parabenizo a Sr. Rosely Sayão, pela matéria publicada, na Folha de S. Paulo, sobre "O veto ao celular na escola". É lamentável que o Estado tenha que realizar o papel dos pais, e por meio de uma lei, obrigar a adequada utilização do celular. Essa medida seria desnecessária se esses instruissem seus filhos adequadamente sobre o assunto. As discussões sobre o uso de celulares em sala de aula não é novidade, assim como os seus malefícios, o que não dá para compreender é que apesar disso, muitos pais continuam alienados, e acreditam que seus filhos precisam estar constantemente em contato com eles, pelo celular.

A sr. Sayão posicionou-se bem ao indagar sobre quem introduzirá as crianças à convivência civilizada com outra e até onde iremos parar, se o Estado tiver que legislar sobre nossas condutas. O mais certo seria se nós parássemos para refletir sobre elas e os reflexos que trazem à sociedade.

Duas questões iniciais podem ser postas: este texto é autônomo? Ele tem marcas de autoria? Um dos recursos utilizados pelo aluno que mostram que ele faz referência ao texto que deu origem à sua escrita (à sua carta) é o seguinte:

- "Parabenizo a Sr. Rosely Sayão, pela matéria publicada, na Folha de S. Paulo, sobre 'O veto ao celular na escola'."

Este trecho revela a autonomia do texto. Há uma citação explícita do texto-base e da autora responsável pelo artigo. O texto é autônomo, ou seja, o autor dá condições ao leitor de conhecer o texto-fonte. Há uma referência a tal texto e o

leitor, se desejar, tem informações suficientes para, a partir da carta, pesquisar o texto ao qual o autor manifesta uma opinião.

O segundo aspecto que foi solicitado no comando da questão é: “tomar um posicionamento da autora e apresentá-lo ao leitor”. Neste caso, o candidato deveria posicionar-se também, uma vez que se trata de uma carta de leitor. Assim, espera-se que ele também se posicione sobre o assunto ou sobre o artigo em questão.

A opinião do aluno pode ser evidenciada a partir de alguns índices avaliativos, e é importante que ele consiga separar a sua voz das outras diferentes vozes que insere em seu texto (a de Sayão, a do senso comum, a dos pais, a do Estado, enfim). São eles:

- “*Parabenizo a Sr. Rosely Sayão, pela matéria publicada, na Folha de S. Paulo...*”
- “*É lamentável que o Estado tenha que realizar o papel dos pais...*”
- “*Essa medida seria desnecessária se esses instruissem seus filhos...*”
- “*o que não dá para compreender é que apesar disso, muitos pais continuam alienados...*”
- “*A sr. Sayão posicionou-se bem ao indagar sobre quem introduzirá as crianças á convivência...*”
- “*O mais certo seria se nós paracemos para refletir sobre elas e os reflexos que trazem à sociedade*”.

Notamos no texto acima que é preciso que essas diferentes vozes sejam assinadas, ou seja, que tenham marcas linguísticas que as distingam: a primeira pessoa em detrimento da terceira, as palavras avaliativas etc. Quando o autor controla essas marcas, o leitor consegue distinguir as diferentes vozes, ou seja, compreender “o que é de quem e quem disse o quê”. No seu texto, o aluno conseguiu marcar efetivamente as diferentes vozes responsáveis pelas várias afirmações que ele incorpora e apresenta ao leitor de forma articulada.

Vamos passar a um segundo texto e tentar identificar seu problema com a distinção das vozes:

Texto 2

Ao Jornal Folha de São Paulo
 Caros leitores
 Com a constante evolução tecnológica, os aparelhos celulares têm ficado cada vez mais acessíveis à população. Hoje é possível ver até crianças portando estes aparelhos normalmente. Porém, este uso constante pelos menores, tem atrapalhado muito o rendimento e a convivência no ambiente escolar. Os pais dão estes aparelhos a seus filhos com intuito de facilitar a sua comunicação e proteção, mas esquecem de ensiná-los sobre os momentos e locais próprios e impróprios para sua utilização. A educação das crianças deve-se iniciar em casa para tornar a convivência em sociedade mais agradável.

Ao Jornal Folha de São Paulo
 Caros leitores

Com a constante evolução tecnológica, os aparelhos celulares têm ficado cada vez mais acessíveis à população. Hoje é possível ver até crianças portando estes aparelhos normalmente. Porém, este uso constante pelos menores, tem atrapalhado muito o rendimento e a convivência no ambiente escolar. Os pais dão estes aparelhos a seus filhos com intuito de facilitar a sua comunicação e proteção, mas esquecem de ensiná-los sobre os momentos e locais próprios e impróprios para sua utilização. A educação das crianças deve-se iniciar em casa para tornar a convivência em sociedade mais agradável.

O que podemos dizer sobre o controle de vozes neste texto? Há como identificar a voz opinativa do autor do texto? O que ele traz sobre o texto-base e sobre a autora do artigo apresentado?

Começando pela primeira orientação colocada na proposta: pode-se dizer que esse texto não é autônomo, pois não faz referência ao artigo de Sayão ou mesmo à lei do veto ao uso de celulares na escola. Somente a partir da leitura da carta exposta, o leitor não consegue recuperar todas as informações necessárias sobre o texto-base. Este texto, embora tenha adequação de gênero – o autor reconhece o gênero carta de leitor, e faz referência à data e ao destinatário – apresenta uma inadequação ao estabelecer o diálogo com o texto-fonte, o artigo de opinião de Rosely Sayão. Nota-se que o autor deste texto aciona o assunto: veto dos celulares na escola e, a partir dele, cria um texto novo, caracterizado por afirmações do

senso comum, sem se posicionar sobre o artigo, ou sobre a temática tratada. E, no desfecho, o aluno recorre a uma lição de moral, comum nos textos dissertativos escolares, e que se mostra desnecessária diante do que lhe foi solicitado na proposta.

Pensando no texto, isoladamente, pode-se ver que ele não é autônomo e não controla as diferentes vozes que se cruzam. O texto traz realmente ideias de Rosely Sayão, no entanto não atribui a ela a responsabilidade pelas afirmações, e isso compromete seu sentido.

Passando a outra proposta, identificam-se alguns outros aspectos no estudo do dialogismo, e mais especificamente, da intertextualidade. O texto que segue já foi apresentado no capítulo “Leitura” e está repetido aqui para facilitar a vida do leitor.

A tessitura da escrita / organizadoras Iara Bemquerer Costa e Maria José
Foltran. – São Paulo : Contexto, 2013.

ISBN 978-85-7244-782-9

1. Análise de textos 2. Análise do discurso 3. Escrita 4.
Leitura 5. Português – Redação 6. Textos – Produção 1. Costa, Iara
Bemquerer. II. Foltran, Maria José.

I2-14899

CDD-469
